

RELATOS ETNOGRÁFICOS SOBRE O TURISMO RURAL EM JAGUARÃO, RIO GRANDE DO SUL

ALEF FRANCO CALDEIRA¹; GUILHERMO ADERALDO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – alefcaldeiratur@gmail.com*

²*Universidade Estadual de São Paulo – guiaude@ymail.com*

1. INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, buscarei refletir sobre alguns procedimentos vinculados à pesquisa que venho desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. O projeto inicial da pesquisa teve como questão central a maneira como agentes públicos, iniciativa privada e proprietários rurais do município de Jaguarão, Rio Grande do Sul, estavam buscando “construir a localidade”, no caso de Jaguarão, com a finalidade de tornar a cidade numa atração turística. Nesse caso, experiências iniciais de campo, permitiram-me constatar o uso da ideia de “risco sanitário” por parte dos operadores turísticos, em função da pandemia de Covid-19, onde tais interlocutores passaram a se apropriar da ideia de “risco” para caracterizar o turismo urbano e, consequentemente, promover o chamado “turismo rural”, pelo fato deste ser, supostamente, mais “consciente” ou “alternativo”, ou seja, a maneira como a experiência pandêmica passou a ser utilizada como recurso político para orientação e construção de Jaguarão como lugar turístico, foi o motivo que direcionou o foco inicial da investigação.

Um dos caminhos escolhidos para analisar etnograficamente esse processo, foi a participação em um Programa de Turismo Rural ministrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) realizado em Jaguarão, em parceria com o Sindicato Rural e a Prefeitura Municipal. O programa contou com um curso de nove módulos, tendo início no ano de 2022 e término no mês de setembro de 2023. Dessa maneira, esse resumo busca notabilizar os simbolismos mobilizados pelos participantes do referido curso na compreensão do “rural” em oposição àquilo que os mesmos entendem como “urbano”. Quais valores são mobilizados por estes atores no processo de produção desta fronteira? Que hierarquias (sociais, simbólicas, geográficas) as diferentes concepções de “turismo rural” que surgiram no campo buscam reproduzir ou confrontar? E que desigualdades, em termos das possibilidades de participação efetiva nestas iniciativas turísticas, a pesquisa tem me permitido notar?

Reflito a respeito destas e outras questões, tomando por base três situações do campo de pesquisa, “o bairro rural”, “o rural massacrante” e o “ contato com os animais”. Os dados apontam para diferentes experiências e percepções sobre o rural, sendo como oposição ao urbano, como rural estigmatizado e ainda, como rural em uma dimensão do sensível, a partir da vida cotidiana nas propriedades.

2. METODOLOGIA

A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir da perspectiva teórica da antropologia das mobilidades que, conforme apontam Guedes e Souza (2021), se desdobra de uma concepção relacional do espaço, ou seja, de uma percepção que toma o espaço, ele próprio, como uma categoria cujos sentidos se encontram “em

disputa” e não simplesmente como um dado autoevidente e anterior à própria análise. Essa maneira de olhar e analisar sinaliza que os lugares não podem ser concebidos como estruturas fixas ou pré-estabelecidas, mas a partir de processos de (i)mobilidades, que incluem a circulação seletiva de informações, imagens, pessoas, objetos e imaginários. Dessa maneira, uma questão central dessa análise, é que os lugares são construídos, por meio de símbolos, relatos e imagens, que circulam, por exemplo, por meio de cartões postais, peças de marketing, campanhas publicitárias, discursos, fotografias, entre outros.

Inspirado no conceito de “educação da atenção” (INGOLD, 2010) participei do Programa de Turismo Rural ministrado pelo SENAR no município de Jaguarão. Participei dos nove módulos do curso que foram realizados em propriedades rurais do município de Jaguarão e Arroio Grande, Rio Grande do Sul. Também me vali da observação sistemática de “situações sociais”, lembrando que, segundo Agier (2011) – inspirado nas teorias produzidas no contexto da “Escola de Manchester” – a ideia de “situação” trata do isolamento intelectual de um ou mais acontecimentos, nos quais atores situados em diferentes posições e com distintos interesses podem ser vistos interagindo, de modo a tornar possível ao pesquisador o acompanhamento direto e a descrição das relações de poder e dos processos políticos em jogo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade turística desenvolve um papel fundamental na construção de imaginários que, a partir da apropriação de imagens, memórias e ideias, contribuem para a promoção dos lugares para exploração (URRY, 1995). Um exemplo é o trabalho de Freire-Medeiros (2007) sobre a “Favela Turística”. A autora reflete sobre o “papel desempenhado por empresários, ONGs, lideranças comunitárias e agentes públicos no processo de transformação da favela carioca em atração turística” (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p. 61). Trata-se de uma reflexão acerca da produção do lugar turístico. A autora situa a produção da Favela Turística em dois contextos: os “*reality tours*” (tours de realidade) e o “*trademark*” (favela como um signo que circula). No primeiro caso, a construção dos tours de realidade se dá basicamente a partir da mercantilização da miséria ou da tragédia, ou seja, “é a experiência do autêntico e do exótico, do risco e do trágico em um único lugar” (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p. 63).

No segundo caso, o *trademark*, refere-se a favela como “marca”. A autora demonstra que, a partir de uma série de eventos, textos, souvenires, filmes etc. que circulam no, e fora do Brasil, a favela é idealizada e comercializada como “lugar exótico” e consumida por um “turismo alternativo”. Nesse sentido, “é a partir desses vários suportes que a constroem como um território da imaginação, e em que são investidos diferentes ansiedades e desejos, que a favela pode ser elaborada como destino turístico” (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p. 63).

Descrevo a seguir três situações que evidenciam a tentativa de produzir um “lugar turístico”, nesse caso Jaguarão, a partir de diferentes ideias, percepções e símbolos. Em um dos encontros, um proprietário do município de Pelotas, Rio Grande do Sul, morador de uma localidade chamada Colônia Campestre, apresentou uma ideia/projeto pessoal. Tratava-se da construção de um “bairro rural”, visando a “coletividade”, ou seja, a construção da “experiência rural em conjunto”. Sua iniciativa visava, segundo suas palavras, o “retorno ao rural”, no sentido de desligar-se da cidade.

No mesmo encontro, uma proprietária diz sobre “ser cria do rural”, no sentido de conhecer as dificuldades da vida e do trabalho rural a partir de suas experiências ao longo da vida. A proprietária menciona sobre seu processo de volta ao rural, evidenciando um período de sua vida em que residiu em centros urbanos. Ela traz a questão do “rural massacrante” de outros tempos, e que suas “experiências fora do rural” permitiram “melhor viver o rural” hoje, ou seja, permitiram “fazer um rural diferente, menos sofrido”. Como aponta Massey (2000) os lugares não podem ser concebidos como estruturas estáticas, sem movimento. Para a autora, “o itinerário das pessoas pelo lugar, seus refúgios favoritos e as conexões que realizam (fisicamente, pelo telefone, pelo correio, ou na memória ou na imaginação) entre esse lugar e o resto do mundo variam muito. Se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares” (MASSEY, 2000, p. 183). Aqui nesta situação, o rural aparece com estigma de “sofrido”, e dessa forma precisa ser recriado, ser vivido novamente de outras maneiras. A tentativa aqui parece a transformação do estigma de rural “sofrido e massacrante”.

Em outro encontro, referente a práticas gastronômicas, a instrutora pergunta aos presentes o que as pessoas buscam no turismo rural. Uma outra proprietária então responde, o “ contato com a natureza, com os bichos, buscar algo diferente, entender de onde vem as coisas, levar as crianças para mostrar de onde vem o leite”. Ela menciona o exemplo de que algumas pessoas não têm o conhecimento de onde vem o leite, ou seja, “nunca viu a vaca, o terneiro”. Uma das definições mais utilizadas no turismo rural é o “agroturismo”, baseado em um modelo europeu como na maioria dos casos, que trata principalmente da comercialização de atividades desenvolvidas por pequenas propriedades, em que o turismo atua como uma renda complementar e permite que os turistas participem da rotina do lugar (TULIK, 2003). A situação permite evidenciar, diferente dos outros casos, que o foco é na questão sensível do rural, ou seja, a proximidade com os “animais”, com o ambiente “rural”, o apelo ao idílico como maneira de projetar o lugar.

Nas três situações descritas, pode-se perceber maneiras distintas de conceber e construir o “rural”. Todas elas interessadas e influenciadas pela promoção turística, pela construção de um “rural ideal”, porém com diferentes enfoques. Isso evidencia como Jaguarão, enquanto experiência turística rural, é mobilizado a partir de diferentes símbolos e discursos.

Segundo Carmo (2009) o lugar/espacço é um “campo de tensões”, onde deve ser entendido a partir das relações e os fluxos que se movem a partir dele. Isso significa dizer que as diferentes mobilidades que circulam ali, sejam elas, de pessoas, de objetos, de ideias, de imagens, entre outras, constroem novas espacialidades, ou seja, transformam e reconfiguram o lugar. Nesse sentido, “o que dá ao lugar sua especificidade não é sua história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular” (MASSEY, 2000, p. 184).

A partir das situações descritas e reflexão teórica sobre o processo de construção de Jaguarão como lugar turístico a partir do turismo rural, é possível evidenciar como o “rural” se configura como um valor simbólico em constante disputa, a partir das narrativas das pessoas que participaram do curso. Uma série de experiências são afirmadas e mobilizadas pelos atores que criam e reconfiguram o rural como um lugar, para então se utilizar desse valor nas práticas de turismo rural.

4. CONCLUSÕES

Buscou-se no decorrer deste resumo, evidenciar que o “rural” que nos interessa pesquisar é, antes de mais nada, uma controvérsia pública, em torno da qual atores distintos e desiguais buscam fazer prevalecer suas respectivas “visões de mundo”, jogando com os recursos e o “capital de rede” (URRY, 1995) que possuem. Dessa maneira, a construção de Jaguarão como um lugar, um destino ou produto do turismo rural, perpassa diferentes interpretações e representações da fronteira rural/urbano.

Segundo Carmo (2009) a partir da compreensão do lugar como um “campo de tensões”, é dizer que os discursos produzidos sobre o turismo rural em Jaguarão geram alterações na maneira de perceber e viver o lugar, ou seja, produzem espacialidades. Além disso, existem nessas dinâmicas espaciais desigualdades sociais. O lugar também se produz a partir dessas assimetrias. É preciso aprofundar o que está por trás dos discursos que circulam sobre o turismo rural em Jaguarão, o que afirmam ou deixam de afirmar.

Por fim, é importante apontar a necessidade de um texto mais amplo para dar conta de todas as abordagens necessárias ao fenômeno estudado. Friso também que a pesquisa está em processo de reconfiguração e ajustes com relação aos seus objetivos e futuros caminhos do trabalho de campo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Os Saberes urbanos da antropologia. In: AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. pp. 59-88.
- CARMO, Renato Miguel. Do espaço abstrato ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel; SIMÕES, José Alberto. A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos. Lisboa: ICS, 2009. p. 41-56.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Rev. bras. Ci. Soc. São Paulo, v. 22, n. 65, 2007, p. 61-72.
- GUEDES, André Dumans; SOUZA, Candice Vidal e. Introdução. In: SOUZA, Candice Vidal e; GUEDES, André Dumans. **Antropologia das mobilidades**. Brasília: ABA Publicações, 2021. p. 8-27.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- MASSEY, Doreen. “Um sentido global de lugar”. In: ARANTES, Antônio. **O espaço da diferença**. Campinas, Ed. Papirus, 2000. p. 176-185.
- TULIK, Olga. Turismo Rural. São Paulo: Aleph, 2003. Coleção ABC do Turismo.
- URRY, John. **Consuming Places**. London e New York: Routledge, 1995.